

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paulo Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezas para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

O TEAR DA AVÓ

POR
CAROLINA EMIEUX.

A preguiça.

I.

Laura era uma menina encantadora, porém incapaz de dedicar-se ao trabalho. Privada de seus pais, no verdor dos annas, fôra confiada á uma avó que, não tendo mais a quem amar, a ella toda se devotava, concentrando em sua bella netinha todas as suas afeições, todas as suas caricias e toda a sua felicidade.

Esta ternura, entretanto, não fazia parte dessas dedicações cegas que não vêm as faltas, os erros, os defeitos daquelles que esse doce sentimento natural ou de afinidade faz nascer em nossos corações, não; a boa mulher via com profundo pezar sua neta entregar-se todos os dias aos folguedos proprios de sua idade, sem jamais aquiescer aos seus pedidos, aos seus conselhos de boa mãe.

Ria, cantava e saltava; o trabalho era para Laura cousa horrivel; ella nem mesmo podia acreditar que isso existisse.

A boa mulher, activa e laboriosa, era vista sempre ao seu tear, ou, quando o fio lhe faltava, sentada á sua frente, fiava uma rôca que parecia sem fim; e quando Laura, depois de seu passeio, vinha festejando-a dizer:

F O L H E T I M .

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

V.

Era dia de todos os Santos, 1.º de Novembro de 1669. O padre vigario tinha dito missa na Capella da casa grande. Toda a gente estava reunida na povoação dos administrados. Em todo aquelle dia tinham-se visto somente canoas cheias de *gentes grandes* que vinham da villa e eram recebidas com salvas e foguetes, pelos senhores da *Pontagrossa*. Musicos com suas violas e rabecas tocavam lindas symphonias; a alegria era

— Ah, vovó, quanta cousa bonita vi geral! Muitas borboletas de cores vivas; oh! meu Deus! tão lindas, estão voando no jardim, chupando o mel das rosas! e as andorinhas, vovó, estão de volta; venha vel-as, vovó, vamos!

A sua avó respondia:

— A borboleta matizou-se de finas cores, minha filha, mas nisso gastou muito tempo a trabalhar; e a andorinha voltou para tecer o ninho que hade receber sua familia: todos obedecem á lei imperiosa do trabalho, ninguém delle se isenta, e nós o mesmo devemos fazer.

— Mas, vovó, o trabalho é para o pobre que não tem quem lhe dê, e não para quem tem com que passar; e você, que é rico, para que se amofina assim? que necessidade tem para estar sempre a trabalhando?

— Trabalho em virtude de um dever que se estende a todas as classes da sociedade, tanto ao rico como ao pobre; e tambem porque nelle se encontra o prazer; e os vicios, minha filha, não perseguem senão aos ociosos.

— Oh! pois não, não acho no trabalho prazer algum, antes cansaço e tedio.

— E' porque, desgraçadamente, não o comprehendes; mas hade chegar esse dia: não é assim, minha Laura?

— Sim, vovó, está bom, eu vol-o prometto.

— Então, quando começaremos?

— Quando você quizer, vovó. Olhe, pôde ser agora mesmo; dê-me o seu lugar; ouvio?

Para satisfazer ao capricho da menina brincalhona, a boa mulher deu-lhe sua rôca. Engraçada e dextra como as fadas, Laura tinha apressadamente enrolado no fuso algu-

geral, até mesmo nesses desgraçados que viviam na escravidão governados por D. Martin. A elles se tinha mandado dar vacca, vinho e pão. A' noite, fogueiras altas como pyramides ardiam em frente da morada do *homem grande* e elevavam ás nuvens suas chammas crispitantes, ennegrecendo o céu com seu fumo espesso e avermelhado. Multiplices luminarias guarneciam as numerosas janellas da casa, e levavam o seu reverbero até ao meio da habita! Toda a rua estava clara como o dia, e á roda das fogueiras se agrupava a gente pobre para vêr a festa porque esta classe não tinha ingresso nos salões. Contudo, lá a um canto, ao pé da Pedreira, que até hoje existe, se achava um quarteirão de casas que se destacavam do corpo principal, e que estavam em completa obscuridade: parecia que ellas se arredavam timidas e cuidadosas, como para não tomar parte nas gallas do dia, que tão soberbamente expunha á vista a sua elegante visinha. Lá, só uma luz-zinha se deixava

perceber por uma das janellas. Era a casa onde tinha habitado D. Narcisa de Villar, que sua fiel amiga não tinha podido desamparar!.. Naquelle noite que todos folgavam e que ninguém tinha pensamento senão para o prazer, Iphigenia somente se lembrava de uma infeliz e nobre creatura que ella no seu coração confundia com seu filho. Abriu o seu oratorio, accendeu duas velas de cera virgem, e, ajoelhando-se para orar, pedia fervorosamente a S. José e á Virgem Maria, que arredassem todo o mal d'aquelle Anjo innocente, que ella amava com toda a sua alma.

Em quanto o rico senhor de Villar illuminava a sua esplendida morada, para dar a mais brilhante apparencia á uma festa mudana; a pobre e humilde mulher tambem illuminava um altardo melhor maneira que podia, para tornar mais solenne o sincero culto que ella hia render á Divindade, e seus pensamentos eram rogos ao céu, em auxilio de uma desgraçada menina.

II.

A miseria.

Os annos fizeram da menina uma moça. Um dia seu tutor apresentou no castello de sua avó um moço que muitas vezes via sua tutelada, e que apaixonadamente a amava. Laura não se desgostou delle, e um mez depois era uma dona de casa.

Os jovens esposos não abandonaram a avó venerada; mas crearam uma existencia a parte, nessa morada até então aborrida pelos conselhos que da boa mulher Laura recebia. Um aposento, decorado com o apurado gosto da época, tinha sido por elles preparado; ali se succediam sem interrupção banquetes esplendidos, festas ruidosas; a avó, porém, nunca comparecia.

Contudo, ella não era esquecida, não; todos os dias Laura ia passar junto de sua avó muitas horas, durante as quaes lhe fallava da sua felicidade, de seu marido tão bom para ella, e mais tarde do duas encantadoras filhinhas que vieram para augmentar seus prazeres, fazel-a mais feliz.

— Oh! nós somos bem felizes, repetia sempre!

— Sim, pôde ser, respondia a boa mulher; mas não segues hom caminho, minha filha, se não trabalhares; é do trabalho que provém a verdadeira felicidade.

— Emilio está constantemente occupado, você, eu lhe affianço; hoje ainda teve uma larga conferencia com um banqueiro.

— Elle dá o nome de trabalho sem duvida a certas especulações de azar, nas quaes joga seu futuro, o teu e o de teus filhos. Dia virá em que terás grande pezar de haveres regeitado minhas admoestações.

E a boa mulher continuava a rocar o fio que servia para tecer o panno que destinava aos pobres.

Muito tempo depois a roca, assás pesado de linho, escapou-se de suas mãos carcomidas, o tear parou. A boa mulher metten-se na cama e mandou chamar seus netos, que reunio em tórno de si para dizer-lhes o seu derradeiro adeus.

— Vocês, meus filhos, devem lembrar-se que eu repetia sem cessar — que o trabalho é a fonte de todo o bem e de toda a felicidade; — eu d'aqui a poucos instantes irei dar contas a Deus de minha alma; conserva, minha Laura, este humilde mimo que te deixo; conserva o meu tear, eu te peço, elle enerra em si um thesouro inesgotavel de prazer e de riqueza... Adeus, meus filhos, eu vos abenço! adeus...

Sua mão se estendeu sobre a cabeça de Laura e de seu marido, e cahio sobre a de suas netinhas, que ajoelhadas junto ao seu leito choraram amargamente; depois, essa mão perdeu o movimento, e a boa mulher estava na mansão dos justos.

Por espaço de um anno inteiro no castello coberto de dô não se ouviam nem cantos alegres, nem esplendidas festas. Mas logo que o tempo cicatrizou a chaga dos pezares e saudades, novas festas, novos concertos, novas reuniões, entremeadas de conversações, sendo dellas a chave a alta ou baixa do juro, encheram como até então a vida dos joyens esposos.

Quanto tempo devia durar uma felicidade assentada sobre bases tão frageis? Ah! bem pouco!

Um dia trouxeram ao castello Emilio, a quem a morte havia sorprendido no meio dos preparativos de uma festa. Laura estava viuva e pobre, porque toda a sua fortuna

Oh! riqueza! quão raras vezes conheces o zom da humanidade!

Os musicos tocavam um minucte afandado, e o baile principiou na casa grande. Viu-se então apparecer no meio da multidão, que enchia a sala, uma moça alta e delgada, primorosamente vestida, que prendeu a atenção dessa numerosa companhia. Seu penteado puchado ao alto da cabeça descobria naturalmente uma nobre fronte, que lindos olhos pretos animavam a pallidez; todavia, pelas olheiras azuladas que elles traziam, pela magreza de seu rosto, e pela vermellidão de suas pálpebras, bem se conhecia que ella muito havia soffrido. Não obstante, era sua belleza tão radiosa, que ninguem a podia vêr sem admiração. No meio de todo o tumulto, ella se achava pensativa; e as pedrarias e enfeites de subido valor, que trazia, não lhe mereciam nenhuma complacencia; parecia completamente ignorar o effeito que produzia sua belleza, ou ser-lhe indifferente a admiração que excitava. Algumas vezes

não chegava para pagar os prejuizos que a ultima especulação de seu marido causara.

Muito soffreu a pobre moça, e só Deus consorvou-lhe a vida e a razão, depois de um tão agudo golpe, foi porque a mãe tinha necessidade de viver para amparo de seus filhos, a quem os credores, inflexiveis, não deixaram senão um pardieiro guarnecido de alguns móveis sem valor, inclusive — o tear da avó.

(Continúa.)

(TRAD. POR BRAULIO CORDEIRO.)

Especificação.

No nosso artigo do numero passado, a respeito do augmento de preço das folhas diarias, fallámos na difficuldade de troco, não admittindo as assignaturas por trimestres, e sim por semestre, ou por anno, como talvez conviesse que ellas fossem feitas; na hypothese, porém, de serem tomadas por trimestres, o preço não podia deixar de ser estabelecido como foi, para que mais tarde passe a ser elevado a 26% ou a 28% rs.

TARDES DE UM PINTOR OU INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1837, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

Assim estava a triste moça occupada, quando lhe chegou o recado de seu pai que a sua presença a chamava.

Em quanto o portador foi chamar a filha de Paulo, este continuou a conversar com o padre Roberto, que proseguia assim:

— Ora eu conheço, meu amigo, que estes avançados em annos, o que Clara está em idade de tomar estado; e que casada ella com um moço digno de vós, e della, repoisando o futuro de vossa filha sobre os hombros capizes de o sustentar, é claro que o dia de vossa morte será mais tranquillo, porque deixaes segura a que mais amaes sobre a terra.

mesmo olhava para as gallas que cobriam com uma especie de aborrecimento. Tinha a face voltada para o peito, como o lyrio, emblema da dôr! de vez em quando levantava os olhos e percorria com a vista a multidão; depois, não encontrando talvez a quem desejava vêr voltava-os de novo para o chão, e uma sublime expressão de dôr se desenhava em seu bello semblante! Ah! quão tocante era a sua tristeza! Quem se não compadeceria da pobrezinha! Era D. Narcisca de Villar, que apparecia em sua noite de bodas como a victima para o sacrificio, diante dessa multidão de insensatos que folgavam com suas penas, que achavam prazer no que era a sua desgraça! Tinham despoticamente seus irmãos ordenado que ella devia casar com o coronel Pedro Paulo, morgado de uma casa mui rica de Lisboa, cavalheiro distincto pelo seu nascimento, e para que isso se effectuasse não consultaram sua vontade. Desde o dia fatal em que a separaram de seus ternos amigos, a tinham guardado como

— Ah! mas ha muito moço capaz; só Julianno não é gente.

— E' verdade: mas entendo que vos não deveis descuidar de lhe dar marido. Apesar de dizerdes que ha muitos moços, permitti que vos diga, ha; mas que mereçam Clara, é o que é difficultoso; porque em fim, meu amigo, grande é a corrupção do nosso tempo: são todos uns perdidos, uns extravagantes, e uns perdularios; e afinal, o que tendes adquirido, e ajuntado com tanto custo virá um pródigo botar fóra. Aconselho-vos pois que lhe deis um marido, que saiba o que custa a ganhar: não digo um commissario, ou negociante, pois bem vedes que uma quebra é cousa mui facil; não fallo tambem em algum rico fazendeiro, porque além da dependencia dos tempos, uma epidemia pôdo o arruinar muito; mas um homem que não dependa nem de caprichos dos homens, e nem dos do tempo.

— Ora, padre, quero confessar-vos uma cousa.

— E o que?

— Que antes de estar justo o casamento de Clara com Julianno, se o licenciado Leoncio m'a pedisse ou a dava.

— E porque?

— Porque além de sympathisar com elle, creio que é muito bom moço; gosto muito delle, e até por ser vosso amigo. Estou certo que não querereis um amigo indigno de vós.

— Disso podeis estar certo. Conheço a Leoncio desde pequeno: foi meu collega, cursámos ambos a Universidade de Coimbra, e posso affiançar-vos que é um homem sem senão: é muito polido, mui bem creado, moço de toda a probidade, e de virtudes: verdadeiro amigo, bom cidadão, e bom filho. Atrevo-me a jurar que feliz será aquella que o tiver por marido. Entretanto, consenti que vos diga que não tenho desejo de o ver casado.

— E porque?

— Porque nenhum amigo sincero desejaria ver seu amigo com esse estado.

— Mas quando se casa bem...

— Não ha no consorcio bem que compense a perda da liberdade.

Todavia, pois que eu conheço Clara, se Leoncio me consultasse a tal respeito não o dissuadiria disso. Supponho porém que elle não aceitará um tal partido sem alguma difficuldade.

— Porque?

uma prisioneira, e ella ignorava desde então a sorte de Iphigenia e de seu filho. Naquelle noite esperava com impaciencia vellos entre a multidão, e se alguma cousa a tinha animado a vestir-se, como seus tyrannos lhe haviam ordenado, era a esperança de os ver, nessa noite que ella julgava ser a ultima de sua vida! Tanto é verdade que a esperança é o ultimo dos sentimentos que desmiga para o nosso coração! O baile estava animado, acabava-se de dançar um minucte, e os pares se aprontavam para o cotilhão, quando um dos lagos de finas pedras, que prendia o penteado da noiva se desitou, e uma trança de finas cabellos escapou-se ligeira desse andaimado povoado de borboletas, moscas de ouro e diamantes, que faziam n'aquelle tempo o penteado das senhoras e a donzella teve um motivo justo para deixar a sala e correr ao seu quarto, afim de retocarse. Quando ali virose de novo sozinha porque a febre d'indignação tinha disturbado seus guirdas, sentio de novo todo o peso de sua desgraça e um diluvio de

— Porque está muito bem; tem muita habilidade, e ganh. muito dinheiro.

— Contudo, talvez accete.

— Talvez.

Neste tempo entrou Clara; seu pai a chamou para junto de si, e a fez assentar-se a seu lado.

— Minha filha! (dize Paulo), eu creio que tu comprehendes bem que, desde que Julianno se resolveu a acompanhar o governador para Missões, o teu casamento com elle tornou-se impossivel.

— Impossivel! (dize a moça) porque, meu pai?

— Porque tu não quererás casar-te, nem eu o consinto, com um homem manchado de um assassínio.

— Julianno manchado de um assassínio! Não, meu pai, elle não.

— Entretanto todo o mundo acredita que foi elle quem quiz assassinar o licenciado Leoncio.

— Todo o mundo não, meu pai; vós não o acreditaeis, e nem eu.

— Eu o acredito.

— E' porque não sois seu amigo.

— Mas fui.

— Se o fuisseis, meu pai, não acreditarieis d'elle uma acção tão feia. Eu o não acredito.

— E porque não acreditaeis?

— Porque o amo! E para o acreditar tão vil, seria preciso que nunca o tivesse amado!

— E qual foi a razão, que tive eu para impor-lhe esse degredo? não foi o assassínio de Leoncio? certamente! Ora, se elle astivesse innocente, repelliria uma tal idéa; mas bem ao contrario elle accitou esse degredo, como expiação de seu crime.

— Não, meu pai; para uma tal consequencia seria preciso que se dicesse a Julianno: « Vós estaes convencido de tal crime, e para o expiardes deveis vos degradar por tanto tempo; durante o vosso degredo é preciso que por vossas bellas acções, e por proezas cheias de valor vos laveis da noção com que vos manchastes! Ihe pois, lava-vos dessa mancha, volta; e se voltardes coberto de gloria, tendo vossas bellas acções feito esquecer vossa culpa, a mão de Clara será vossa. » Tendo-se dito isto, se Julianno se resignasse, certamente a vossa consequencia seria justa; mas bem ao contrario, o que se dice a Julianno foi: « As pessoas sensatas não acreditam que vós vos tenhais manchado com um assassínio; mas entretanto essa noticia cau-

lagrimas inundou seu angelico semblante. Parecia que o coração, um momento distraido com a lembrança de ver os entes que ella no mundo só amava, havia recobrado mais força para sentir ainda mais vivamente a ferida que o sangrava. Com a mão sobre o peito, sentindo o desespero na alma, suas bellas feições se contrahiram horriavelmente com a força da dor, e seus labios proferiram um nome por unica resa, por unica invocação! De repente, um vento frio layou todo o quarto, e a luz das bugias de cera amarella, que ardião sobre os tremós estremeceu e quasi que se bia apagando, porque uma janella dessa camara se tinha aberto, e uma cabeça, braços, e enfim o corpo de um homem, veloz como o vento, tinha saltado para dentro do quarto, a *estadilha* estorcendo-se na sua agonia, não tinha dado fé de cousa alguma, nem tinha sentido junto de si um mancoço que mudamente a contemplava com a alma repassada de consternação, em frente de tanta dôr! Esse homem, depois de al-

sou em muitos animos não pouca impressão; e para a destruir convém que vades viajar por algum tempo; a sorte vos depara uma propicia occasião alistando-vos no exercito que parte para Missões; quando voltardes já ninguem se lembrará do acontecimento de Leoncio, e então a mão de Clara será vossa. » Eis o que se dice, meu pai; e eis o que Julianno accitou. Mudar agora de linguagem, envenenar sua ida, para d'ahi tirar uma consequencia odiosa contra Julianno, é uma traição, uma perfidia, e em fim uma cousa indigna de vós, sempre tão honrado, e sempre tão generoso!

(Continúa.)

LIÇÕES DA ESCRIPTURA SAGRADA OU VIDA DE JESUS CHRISTO

posta em versos simples, e ardequados á comprehensão dos meninos e a elles offerecidos por

UMA FLUMINENSE.

(Continuação. Principiou no n. 907.)

Jesus em Nazareth. Nenhum propheta é bem recebido em seu paiz.

Jesus indo a Nazareth,
Onde se tinha creado
E tendo, como elle usava,
N'uma synagoga entrado

Para ler se levantou
Um livro de prophacias,
E succeden ser aquelle
Esripto por Izaías.

Abrio e leu o seguinte:
« O Senhor me consagrou,
« Echeu-me de Esp'rito Santo,
« E p'ra a terra me enviou.

« Ord'ou-me o Evangelho
« Aos povos todos pregar;
« Dar remedio aos que padecem,
« Aos que soffrem consolar;

« Annunciar aos captivos
« Sua plena liberdade,
« Aos cegos volta de vista,
« A todos felicidade.

guns momentos de muda contemplação, passou a mão sobre a cabeça da donzella, que estremeceu como o flexivel arbusto ao receber as gotas frescas do orvalho da manhã, e virando-se rapidamente para o lado de onde sentia o contacto magnetico, que lhe dava vida; um grito de alegria indizivel, que senão pode descrever, sahio de suas entranhas, e ambos exclamaram ao mesmo tempo Leonard!.. Narcisa!.. e cahiram nos braços um do outro!..

Oh delicias do verdadeiro amor!.. Oh afortunado momento! só te pudeu comprehender os entes que apaixonadamente se amam!..

Ahl disse a joven, depois de alguns momentos agora é a minha vez de agradecer-te: sim eu te agradeço o bem que me fazes! Oh! meu Deus! eu vos agradeço tambem o teres ouvido as minhas orações! E prostrando-se ante o seu genuflexorio, pediu ao seu amigo que acompanhasse na sua oração.

« Publicar quando hade ser
« As graças do Omnipotente;
« E a justiça recta o sã
« De um Deos justo e clemente. »

Tendo de ler acabado,
Para o povo se voltou,
Que pasmado todo estava,
E nestes termos fallou:

« As palavras da Escriptura
Que agora viades de ouvir,
Sabei, ó Nazareanos,
Que se acabam de cumprir. »

Todos lhe dão mil louvores,
E, em sua admiração,
Em si não acham palavras
Que lhes pinte o coração.

De José, dizem, não é
O filho, não pôde ser:
Tanto saber e valor
Onde iria elle aprender?!

E com este pensamento
Como que assás se pejavam:
E Jesus, que o percebeu
Disse áquelles que o cercavam:

« Certamente ides agora,
O proverbio me applicar:
— Medico, cura-te a ti,
Já que outros sabes curar.

Fazei no vosso paiz
Os mesmos milagres santos
Que em Cafarnam vós fizestes,
E em outros lugares tantos.

Mas na verdade vos digo,
Assim Jesus ajuntou,
Que em seu paiz bom agrada
Propheta algum anda achou.

Quando tres annos e meio
O céo feichado ficou,
As viayas de Israel
Elias não procurou.

Mas foi enviado á terra
Da cidade de Srdonia;
No tempo da fatal lepra
Se deu uma cousa idonia.

Haviam muitos leprosos
Na cidade de Israel;
Mas Eliseo só curou
Um Syrio do mal cruel.

Aquelles que assim o ouviram
Raivosos o exortaram,
E, para o precipitar,
A um rochedo o levaram.

— Narcisa tu és minha esposa, disse o moço levantando-se, e não poderás unir-te a outro sem commetteres um crime: nem eu posso consentir que faldes a tua fé sem offender a Deos e a minha consciencia por isso vou buscar-te para livrar-te de seres perjura.

— E para onde me queres levar, meu amigo?..

— Fugamos d'aqui, minha querida, deixemos algum espaço entre os nossos tyranos e nós: o céo nos guiará a um a syrio seguro.

— Leonardo, sinto-me fraca para combater tuas ideias, por isso te peço que não insistas n'ellas; tem compaixão de mim; deixa-me morrer pura para que ao menos na outra vida não sejamos separados!

— E' justamente para que nos não separem n'essa vida, que eu te quero arrancar ao crime; tudo está prompto para a nossa sahida, elles dançam e não podem perseguir-nos.

(Continúa.)

Mas Jesus passou tranquillo
Por elles, sem se importar
Co'as ameaças terriveis
Que ouvia circular.

E, sorpreso sobremodo
Por tanta incredulidade,
Só curou, impondo ás mãis,
Uma ou outra enfermidade.

Uma alvorada de S. João, na minha terra.

(AO MEU PARTICULAR AMIGO A. PIRES
DOMINGUES.)

Não pode dar-vos mais quem traz o espirito
De todo entregue a damnos, magoas, dores!
(DIOGO BERNARDES.)

Já no oriente desponta
Do dia o primeiro alvôr,
Das harmonias d'aurora!
Já se ouve o meigo rumor;
Por elle se afine agora
A lyra do Trovador.

Os vatesinhos da selva
E o ledo rancho aldeão,
E a sonora corrente,
E os ecos da solidão:
Tudo festeja á porfia
A manhã de S. João!

Como as florinhas dos prados
Embalsamam todo o ar,
Como é bella esta folhagem
Co' o santo orvalho a brilhar,
E co'a viração fagueira
Brandamente a sussurrar!

Oh! veigas da minha terra,
Onde outr'ora celebrei
Alegremente as doçuras
Que junto d'ella gozei!
Ouvireis os meus gemidos,
Que outra cousa já não sei!

Nesta solemne alvorada,
Oh! quantas vezes d'aqui
Do meio desta ramagem,
Cheia de encantos a vi?..
Gentil é menos, que ella
A aurora que lá sorri.

Do santo banho em voltando,
Que grande brilho era o seu!
Era a Nayade mais bella,
O mais bello anjo de céo;
Doce enlevo dos seus olhos
Acendia o culto meu!..

Com o orvalho matutino
Fulge a rosa no jardim:
Entre as mais bellas, primava
Esse lindo seraphim.
Gotejando-lhe as madeixas
Pelas faces de carmim!

Estava ligada á minha
A su'alma sem dobrez;
Com laço de amor, sem mancha,
Mais estroito cada vez;
E' tal amor o da Deusa
Que aos numes igual me fez!..

Porem tamanha ventura,
Em breve se dissipou,
Qual fugitivo relampago
Que em céo de trevas brillhou:
Fai o mais feliz dos entes,
O mais triste agora sou!..

Já não vejo a minha sorte
Um só instante sorrir,
Nem sequer uma estrelinha
No tenebroso porvir;
E a corda alegre da lyra
Já nem atino a ferir!..

Oh veigas da minha terra,
Onde outr'ora celebrei
Alegremente as doçuras
Que junto d'ella gozei!
Amigo ouve os meus gemidos,
Que outra cousa já não sei!..

Rio de Janeiro de 1858.

José Leite d'Azvedo.

MODINHA *

Vamos venturas gozar!

DEDICADA Á

EXMA. SRA. D. A. R. P. M.

Porque motivo não queres
Essa morada deixar?
Liga o teu ao meu destino,
Vamos venturas gozar!

Ai, não me deixes,
Não mais penar,
Nesta solidão
Triste finir.

Nas manhãs da primavera,
A natura apreciar,
Ouvir o canto das aves,
Vamos venturas gozar.

Ai, não me deixes, etc.

Ouvir o doce murmurio
Do arroio a se espalhar,
E o sussurro das folhas,
Vamos venturas gozar.

Ai, não me deixes, etc.

Ver da banda do oriente
O sol tão lindo raiar,
Vel-o dourar as montanhas,
Vamos venturas gozar.

Ai, não me deixes, etc.

Não me culpes, meu anginho,
Por eu tanto te adorar;
Por tí saudoso suspiro;
Vamos venturas gozar.

Ai, não me deixes, etc.

Meu coração já não pôde
Tua ausencia supprtar;
Vamos unir doces laços;
Vamos venturas gozar.

Ai, não me deixes, etc.

Maior 20 de 1858.

M. T. José dos Santos.

— Questão proposta na *Marmota* n. 950
de 11 de Maio do corrente anno.

Se um bom pai, um bom marido
Vir entre as ondas lutar
Sua mulher e seu filho:
Qual dos dons deve salvar!

J. F. DA CRUZ.

Amor de Pai.

Se eu fosse pai, e marido
Que amasse filho e mulher,
As penas sentira de ambos,
Viverá com seu viver.

* Para ser cantada com a musica da modinha e
Quando seu bem vai-se embora *

Por muito que amasse a esposa
No mais puro e santo amor,
Do furor das bravas ondas
Meu filho iria salvar.

A mulher que nos coosagra
Sua vida e seu amor,
E', bem sei, uma riqueza
Do mais sabido valor.

Na riqueza e na miséria
Em companhia vivemos,
Ambos nós somos felizes,
Tambem ambos padecemos;

Porém, se um de nós expira,
O que então sobreviveu,
Busca logo quem ocupe
O lugar de quem morreu.

Mas um filho! um filho tenro,
Nascido do nosso amor,
Pelo qual sempre pedimos
De joelhos ao Senhor...

Um filho, que no futuro
No-so nome vai lembrar;
Que tambem o nosso sangue
Deverá perpetuar...

Oh! por esse o Pai constante
Vai soffrendo os dissabores,
Elle chora quando o filho
Em um leito jaz de dores!

Um filho!.. é sempre um arrimo
Que tem seu Pai quando velho;
De suas açções passadas
O filho se torna espelho!

Meu pensar é, pois — que o filho
E' salvo em lugar primeiro;
O amor de um Pai é grande;
E' o amor mais verdadeiro.

M. A. C. P.

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez e conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

Homens.

— Os homens são ligados entre si por
uma cadeia, e esta cadeia é a necessidade que
elles tem uns dos outros.

— Cada homem, com raras excepções, cre
que a razão é aquillo que elle pensa, a ver-
dade aquillo que elle diz, a justiça aquillo
que elle faz.

— Homens ha, que brillham entre os ne-
cios, como os perilampos nas trevas.

— O homem, que lucha contra a grande
ordem das cousas, é um insecto, que empre-
hende minar uma pyramide.

— O homem ignora os seus defeitos,
como o boi ignora a sua força.

— O homem honesto perde-se, se elle
julga os outros pelo seu coração.

— Como as ondas do mar agitado, o ho-
mem tem mil aspectos diversos.

— Os fios, de que a aranha industria-
mente urde a sua tã, são muito mais fortes
que os laços, que unem o homem á felicida-
de e á vida.

— O homem feliz é um enigma, cuja ex-
plicação não pôde escrever-se, senão sobre a
pedra do tumulo.

Logogrypho do n. antecedente é: *Limo-
nada.*

Typographias de Paula Brito
Rua do Casco n. 44 e praça da Constituição n. 63.